

A Arte na Liturgia Cristã – Memória Viva da Revelação de Deus na Terra

*David Bruno Narcizo*¹

Resumo: Na Liturgia, o sinal objetivo do mistério de Deus está nos diversos elementos artísticos explícitos no procedimento de culto. Esta é uma realidade em todas as religiões e, também, a cristã. O mistério se materializa nas diversas criações humanas para, com os seres humanos, se comunicar. Este fenômeno acontece em toda a escritura cristã. Na Literatura Bíblica, vemos antes da queda, um encontro de Deus com os humanos sem haver um objeto material específico, porém, após a queda, o primeiro elemento físico de comunicação está nos materiais criados pelo próprio Deus onde ele revela a sua preocupação quanto à Salvação e Proteção do Ser Humano. “Isso expõe não uma ideia de Deus, mas Seu nome revelado em Suas ações” (BARTH, 2017, p. 80). Dentro de todos os momentos da mesma literatura, vemos os vários materiais propostos e criados para Deus se comunicar: Tabernáculo, Arca, Sacrifício, Fogo, Brisa, etc. Essa manifestação física dar-se-á até o grande fenômeno do Jesus Cristo, sendo ele o ápice da Revelação de Deus na história humana. Contemplamos que Deus criou no princípio, para se comunicar e, após a queda, provoca seres humanos para, através da humanidade, se manifestar. Deus registra a Sua Revelação na História através da sua criatura e permite, nas criações humanas explícitas e também na liturgia, se revelar. Com as contribuições de Karl Barth, em sua obra *Dogmática Eclesiástica* e Paul Tillich, na *Teologia da Cultura*, podemos afirmar que a arte testemunha na liturgia, em memória da ação divina do mistério de Deus na Terra.

Palavras-chave: Arte, Revelação, Memória, Liturgia.

INTRODUÇÃO

A tradição cristã tem por base fundamental a afirmação de que seu Deus (YHWH, Adonai, Javé, etc), se manifesta na história de seu povo permitindo que, dentro de seus estados de sofrimento físico, psicológico, mental e outros, possa fluir a libertação e a salvação. Neste artigo será apresentado um rápido panorama bíblico sobre a revelação de Deus através da arte, mecanismo este despendido para que se mantenha viva a memória de um povo e possa ser retomado em qualquer momento da sua História.

1 A LITURGIA

Em todo procedimento de culto religioso cristão, encontramos diversos elementos artísticos distribuídos dentro da liturgia. Há como base principal e inicial a literatura na qual está registrada toda a mitologia da determinada manifestação de fé e uma série de ensinamentos

¹ Mestrando em Teologia pelo Programa de Pós-Graduação em Teologia pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo sob orientação do Prof. Dr. Antônio Manzatto. Bacharel em Teologia (2016-2020) pela Puc-SP. Técnico Ator pelo Senac – Araraquara/2005-2006 e Registro profissional de Ator pela DRT, nº 26806. E-mail: dbrunonarcizo@gmail.com.

que fundamentam parte do dogma da determinada religião ou, talvez, simplesmente os ensinamentos específicos de uma determinada comunidade que não afeta diretamente a religião cristã.

Assim também acontecia (e também acontece) com os judeus, sendo eles, naquela época, das diversas ramificações (saduceus, fariseus, essênios, etc) e também com os cristãos do primeiro século, sendo eles judeus cristãos e cristãos gentios nas linhas de uma teologia inclusiva² ou exclusiva³.

Um elemento muito importante, para a liturgia, é o fato de que ela dialogará diretamente com a cultura de um determinado povo. Dependendo da localidade, da economia, das questões climáticas e das divisões de trabalho da comunidade, a organização do culto terá diversas práticas que determinará a sua prática de fé e provocará diferenças significativas na sua liturgia. Cristãos africanos terão uma liturgia de culto com a sequência muito parecida, porém, com detalhes específicos de sua cultura e muito diferente de cultos de japoneses, brasileiros, norte-americanos e europeus. Temos uma única Igreja, mas com liturgias próprias, com várias caras. Elas mantêm os valores e os fundamentos, mas ao mesmo tempo, a estrutura do culto é orgânica e viva.

Essa máxima foi proposta no Concílio do Vaticano II para os católicos. Para os Protestantes, isso se manifesta nas diversas linhas religiosas do protestantismo e, dentro de cada localidade, a Igreja vai se moldando e tendo sua vida própria.

Quanto aos protestantes, um cristão da linha das Assembleias de Deus terá uma liturgia muito diferente dos cristãos da Igreja Bola de Neve e Renascer ou até muito diferente das Igrejas Batistas e das Igrejas Batistas de Água Branca, por exemplo. Mesmo que o Deus seja o mesmo, a liturgia vai se moldando dentro de cada comunidade a partir da cultura e da História da determinada realidade e vida da Igreja.

Mas o que se mantém em todas as liturgias e cultos religiosos é o encontro da comunidade e, como já apresentado pelo Cristo no capítulo 18 e versículo 20 do Evangelho de Mateus, “Pois onde dois ou três estiverem reunidos em meu nome, ali estou eu no meio deles” (Bíblia de Jerusalém, 2017, Cap. 18v20), dessa forma, o culto religioso cristão tem por finalidade proporcionar o encontro da comunidade e, ao mesmo tempo, permitir que os seres humanos possam se encontrar com seu Deus.

2 DA QUEDA AO TABERNÁCULO

A história apresentada na literatura bíblica é a História da Salvação da Humanidade apresentada pelo Deus judaico-cristão. Este Deus, pelo seu amor e, no encontro amoroso do

2 Teologia Judaica Inclusiva é a ideia de que a salvação é para toda a humanidade.

3 Teologia Judaica Exclusiva é o pensamento de que a salvação da humanidade só se dá por meio do judaísmo, assim, havia cristãos no primeiro século que acreditavam que, para serem salvos, os gentios deveriam passar primeiramente pela circuncisão e ritos judaicos, para depois aceitarem a fé em Cristo.

Pai, do Filho e do Espírito Santo, permitiu a máxima apresentada na obra literária do Gênesis em que, através da Palavra, ele criou os céus e a terra como proposto na literatura do capítulo um e, com as suas mãos, neste amor revelado na criatura criada por Ele, permitiu na história da humanidade, haver essa voz e Palavra a dizer “façamos o homem à nossa imagem, como nossa semelhança...” (Bíblia de Jerusalém, 2017, cap. 1v26).

Ele não deseja e fixa a criatura sem capricho ou necessidade, mas porque Ele tem amado-a desde a eternidade, porque Ele deseja demonstrar Seu amor por ela, e porque ele deseja não limitar Sua glória por sua existência e ser, mas revelar e manifestá-la em Sua própria coexistência com ela. Como o Criador Ele realmente deseja existir por Sua criatura. (BARTH, 2017, p. 237)

Após a criação do céu, dos exércitos dos céus, da Terra e da humanidade, Deus criou um Jardim e, neste local, colocou o ser humano para viver em igualdade, partilhando tudo que a terra produzia e todo o território do jardim. Nesse comportamento humano sem iniquidade, ou seja, sem a falta de igualdade entre homens e mulheres, Deus se apresentava e se encontrava com os seres humanos, na literatura, representado por Adão e Eva.

Ao observarmos essa obra literária, podemos afirmar que, a Criação de Deus é para haver sempre o Encontro de Deus com a sua criação. Deus cria os seres humanos para poder ser um elo de ligação entre Ele e toda a criatura, porém, sem hierarquias, mas em encontro. Ele se manifesta todas as tardes para poder se encontrar com a humanidade.

Os seres humanos, criados para também criarem, vivem em partilha no jardim e, nesse constante encontro e vida de Deus com a humanidade, pode haver vida sem temporalidade e, toda a criação de Deus ou do homem, não existe autor específico, mas, tudo foi criado em amor por este autor criador universal, ou seja, Deus (Elohim).

2.1 A QUEDA

Com a queda da humanidade, sendo ela manifestada no orgulho e busca de uma autossuficiência em que os seres humanos não precisariam mais de Deus, como apresentado no discurso da serpente: “Mas Deus sabe que, no dia em que dele comerdes, vossos olhos se abrirão e vós sereis como deuses, versados no bem e no mal” (Bíblia de Jerusalém, 2017, cap. 2v5).

No momento da queda, Deus busca o encontro do Ser Humano novamente, mas envolvido em vergonha, o ser humano não vai até Deus. Mesmo assim, Deus busca e, ao encontrá-lo, ele busca um animal e faz da pele do animal, uma roupa. Nesse momento, a indumentária, também uma arte, é realizada pela mão de Deus. A roupa foi feita, como proposto na literatura sagrada, como meio de cobrir a vergonha e, foi resultado do sacrifício de um animal. Toda essa simbologia contida nesta literatura irá apontar para entrega salvadora do Cristo e, neste momento, vemos o Deus Criador, valendo-se de sua criatividade, para permitir novamente o encontro do ser humano com outro ser humano e, toda a humanidade num encontro com

Deus. A roupa traz o significado de que, a criação divina busca diminuir a distância entre Deus e a Humanidade.

Na busca de ser como Deus, de não precisar mais da orientação divina, de ter uma autossuficiência, os seres humanos foram separados de Deus e, hoje, vivem uma busca constante de estabilidade em todos os aspectos de sua vida.

Dentro de toda a narrativa bíblica percebemos que a vida de pecado é manifestada na busca constante de uma acumulação pessoal e individual sem olhar para a necessidade do próximo. Vemos que, a pessoa que acumula desenfreadamente, o faz para não passar por necessidades, mas ter a suficiência que o manterá constantemente, “... versados do bem e do mal” (Bíblia de Jerusalém, 2017, cap. 2v5). Essa autossuficiência faz que muitos outros se mantenham longe do Bem proposto por Deus na criação da Casa Comum, ou seja, pela Terra criada por Adonai para que (todos), filhos e filhas, possam ter acesso aos bens necessários para toda a sobrevivência.

Na literatura bíblica, ao vermos a postura dos reis e sacerdotes de Israel como proposto no texto de Ezequiel:

“Ai dos pastores de Israel que se apascentam a si mesmos! Não devem os pastores apascentar seu rebanho? Vós vos alimentais com leite, vos vestis de lã e sacrificais as ovelhas gordas, mas não apascentam o rebanho! Não restaurastes o vigor das ovelhas abatidas, não curastes as que estão doentes, não tratastes a ferida da que sofreu fratura, não reconduzistes a desgarrada, não buscastes a perdida, mas dominastes sobre elas com dureza e violência. (Bíblia de Jerusalém, 2017, Ezequiel cap. 34v2-4).

Essa foi também a prática de Sodoma e Gomorra, proposto no texto de Ezequiel:

Eis em que consistia a iniquidade de Sodoma, tua irmã: na voracidade com que comia o seu pão, na despreocupação tranquila com que ela e suas filhas destruíam os seus bens, enquanto não davam nenhum amparo ao pobre e ao indigente. Eram altivas e cometeram abominação na minha presença. Por isso as eliminei, como viste. (Bíblia de Jerusalém, 2017, Ezequiel cap. 16v49-50).

Então, como resultado da queda humana, vemos o abandono dos indivíduos. Uma vida de acumulação, vivência desenfreada dos desejos e no abandono dos necessitados. Essa realidade se mantém até a atualidade, porém, Deus propõe a inspiração dos seres humanos para criarem meios de encontro com Ele e, nesse processo, permitir a vivência da Sua Lei e, nessa proposta, viver uma vida em igualdade, amor e humanidade.

2.2 A TENDA DO ENCONTRO

O Jardim foi o local criado por Deus para se encontrar com a humanidade, porém, o pecado tirou os seres humanos da presença de Deus. Se num primeiro momento Deus criou o local do Encontro; agora são os seres humanos, inspirados por Deus, a criar meios de buscar e encontrar Deus e viver esse relacionamento com Ele e com o Próximo.

No pentateuco, há a criação do altar do sacrifício sendo este, um espaço de encontro onde Abel, Cain e Abraão se encontravam com Deus e com eles, firmaram alianças e pactos. Deus, nesse objeto criado pelos seres humanos, se manifestou e dialogou com a humanidade.

Após firmada a aliança com Abraão, também realizada em um altar criado pelo patriarca, Deus prometeu criar a partir do patriarca, uma grande nação de adoradores e, após 430 anos no Egito, Deus inspirou a Moisés a, antes da salvação, criar a Páscoa como local de Encontro e, após a passagem pelo mar dos juncos, criar o Tabernáculo.

A Tenda do Encontro, como também chamavam o Tabernáculo, foi inspirado por Deus, mas criado e montado por seres humanos. Cada objeto e cada detalhe foi criado para Deus se manifestar e ser um local de diálogo e encontro com a humanidade. Uma vez por ano Deus se apresentava naquele local para o Sumo Sacerdote e, ali mostrava para todo o povo de Israel e também, a toda a humanidade, que Deus estava com eles.

Esse encontro aconteceu também com Salomão quando, após a criação do Templo, todo o local se encheu de fumaça e Deus recebeu o sacrifício. Deus se manifestava no Tabernáculo e, inspirado por Deus, Salomão e seus servos criaram também o Templo onde “Deus escolheu para ali habitar” (Bíblia de Jerusalém, 2017, Deuteronomio, cap. 12v11). Naquele local, os levitas e os saduceus, ofereciam sacrifícios, ofertas e o culto ao Deus YHWH.

3 O FENÔMENO CRISTO

Jesus Cristo é o ser humano criado por Deus para ser o primeiro Homem sem pecado, para resolver a queda da humanidade. No Velho Testamento, os mecanismos criados por Deus para se encontrar com a humanidade foi o Templo e o Tabernáculo, mas agora, após o fenômeno Cristo, Deus realizou a criação de uma Igreja, sendo esta, o Corpo do Cristo que se manifesta na Terra para ser meio de salvação. Quando olharmos para ela, vemos o fato e ao mesmo tempo, a Memória do Plano de Libertação e Salvação de Deus para toda a humanidade.

3.1 A MEMÓRIA ENCARNADA

Todos os grandes fenômenos contidos na literatura sagrada foram criados para fazer memória. A orientação, desde os patriarcas, como aconteceu no momento em que Jacó dorme e vê uma escada dos céus até a terra e “Levantando-se de madrugada, tomou a pedra que lhe servira de travesseiro, ergueu-a como uma estela e derramou óleo sobre o seu topo.

A este lugar deu o nome de Betel, mas anteriormente a cidade se chamava Luza.” (Bíblia de Jerusalém 2017, cap. 28v18-19).

A páscoa e a festa de pães quando, antes de passarem pelas águas, foi solicitado que comessem em família do em família e durante sete dias, não comessem pães com fermento porém, no início do texto do capítulo doze, Moisés diz ao povo de Israel “Lembra-vos deste dia, em que saístes do Egito, da casa da escravidão; pois com mão forte de Iahweh vos tirei de lá; e por isso, não comereis pão fermentado”, assim, ficou marcado até hoje esses dias como memorial da libertação de Deus para aquele povo e, naqueles objetos criados por seres humanos, é feita a memória daquela ação de Deus que revelou o seu desejo de libertar e salvar toda a humanidade.

Um outro momento que vemos um ato de materializar a memória é no momento da ceia onde o cristo, segundo o ágrafa⁴, afirmado por Paulo, diz “faizei isto em memória de mim” (Bíblia de Jerusalém, 1 Coríntios, 11 v23).

No ato da Santa Ceia, ou seja, da Eucaristia, vemos materializada a memória da salvação da humanidade do poder do pecado através do sacrifício de Jesus Cristo, o cordeiro que tira o pecado do mundo. Nesta matéria, pão e vinho, temos encarnada a memória, como proposto pelos cristãos reformados ou até, como proposto pela tradição católica, o corpo do próprio cristo. As duas propostas, memória e transubstancia, tem na essência a memória da entrega do Cristo, assim, na matéria objetiva, temos o fenômeno transcendente materializado e encarnado.

O Cristão, em sua literatura sagrada, tem a memória do sofrimento vivido e a revelação do Deus que no passado, entregou e manifestou seu amor pela humanidade criando meios de libertação.

Memória libertadora de Jesus Cristo: nós a celebramos no meio de uma sociedade cuja consciência e formas de vida são cada vez menos marcadas pela lembrança. Em proporções crescentes, as tradições estão perdendo seu poder de determinação da vida e sua forma direta de compromisso e, frequentemente, ainda servem apenas como cenário de uma eventual celebração, como interpretação da existência. (METZ, 2013, p. 30)

A memória contida na literatura sagrada motiva a criação de uma liturgia que traz em si elementos que apontam para a libertação. Essa memória vivida e latente, faz presente o Deus Libertador, na vida dos que ainda sofrem e traz a esperança salvadora. O olhar para o Deus que salvou os que sofriam, traz as lembranças de vitórias e conquistas e motiva os que ainda esperam a ação divina para também libertá-los e salvá-los.

4 Agrafas são palavras ditas por Jesus e mantidas na literatura oral que não foram mencionados diretamente nos Evangelhos sinóticos ou joanino, mas são citados em textos apócrifos ou nas cartas.

(...) a fé cristã poderia se expressar como uma lembrança que nos deixa livres para sofrermos o sofrimento dos outros, apesar da negatividade do sofrimento em nossa sociedade para parecer cada vez mais intolerável, como uma lembrança que nos deixa livres para a contemplação, apesar de parecer que estamos sempre, nos recônditos espaços da consciência, hipnotizados com o trabalho, o desempenho e o planejamento; como uma lembrança que finalmente nos deixa livres para calcular nossa finitude e nossa dubiedade, apesar de nossa vida pública estar sempre à mercê da sugestão de uma vida cada vez mais “perfeita”. Aqui a fé cristã poderia se expressar como uma lembrança que nos deixa livres para levarmos em conta os sofrimentos e a esperança do passado, para enfrentarmos o desafio de não deixarmos de ser solidários com os que morrem, aos quais nos juntaremos amanhã, e para quem uma sociedade avançada, que acredita apenas no planejamento, só tem perturbações, ceticismo ou esquecimento (METZ, 2013 p. 32)

3.2 DEUS SE REVELA

A divindade judaico-cristã é marcada pelo ato da revelação. Ela, em toda a literatura sagrada, mostra amar os seres humanos e, nesse amor, busca meios para se revelar. Isso, na literatura sagrada, aconteceu em um processo gradativo desde a criação da humanidade e vem acontecendo até os dias atuais.

Nos momentos de maiores dificuldades e de maior sofrimento, encontramos Deus buscando encontrar o ser humano e abrir meios para libertar e salvar.

Além disso, encontramos no ato da revelação, uma vontade de Deus de não se manter recluso e escondido, mas uma busca constante de, em amor, ser existente na vida e na história da humanidade. O ato da revelação como tal transmite, em si, o fato de que Deus não tem retido a Si próprio dos homens como ser verdadeiro, mas que tem dado não menos do que a Si mesmo aos homens como a superação de suas necessidades, e luz nas suas trevas – Ele mesmo como o Pai in Seu próprio Filho pelo Espírito. (BARTH, 2017, p. 73)

Este ato de revelação acontece em pequenos detalhes no cotidiano, na vida humana e também, na liturgia.

A liturgia alimenta o mistério que motiva a prática da vida do fiel e a prática da vida, alimenta a postura do cultuante⁵, dentro do fenômeno do culto. Ou seja, uma vida de sofri-

5 Nesta palavra, trago a ideia do “Atuante”, ou seja, aquele que interpreta algum personagem no teatro. Dentro do culto, o indivíduo que participa do culto, tem uma postura ativa, dessa forma, é espectador e ao mesmo tempo, agente, então, coloco esse termo “cultuante”.

mento pode alimentar uma postura de extrema busca durante o momento da liturgia inserida no fenômeno de culto. Em contrapartida, o culto, e mais especificamente, a liturgia, pode trazer esperança para suportar o sofrimento da vida. Por fim, a vitória na vida, resultado de uma vida de batalhas frente aos diversos momentos de sofrimento, movimenta um culto de felicidade e ação de graças.

É o espaço-tempo real movimentando o espaço-tempo sagrado e também, o espaço-tempo sagrado alimentando e movimentando o espaço-tempo real em uma dialética da ambivalência constante e sublime.

Em todos esses momentos, Deus está presente a se revelar ao ser humano e à humanidade, porém, em todos esses momentos, há o encontro do ser humano com o outro. O encontro com o próximo.

No culto ou na missa, está explícito o encontro de diversas pessoas. Cada um com sua história e cada um com sua própria vida, porém, há uma comunhão de experiências. Essas experiências, na pastoral ou na liturgia, são partilhadas entre as pessoas e elas vão servindo para edificar a todos. Pessoas que se conhecem ou não, partilhando o mesmo espaço, os mesmos objetos, os mesmos utensílios e tendo sua identidade formada a partir do mesmo mito sagrado. Tudo isso vai se criando e moldando no processo da vida. Nesse interim, Deus se revela.

4 LITURGIA COMO SINAL OBJETIVO DO MISTÉRIO DE DEUS

Quando entramos num espaço de culto, vemos os objetos distribuídos. Todos os objetos são obras criadas pelos seres humanos. Cada ser humano com sua própria história, com sua própria habilidade, cria uma série de utensílios e cada um, desenvolvido tecnicamente ou por uma habilidade desenvolvida dentro de sua própria história de vida. Todos, objetos e homens, entram no espaço de culto e apresentam os elementos na liturgia.

Há pessoas que passaram por escola de ornamentação e distribuem seus saberes de design de interiores para ornamentar o espaço sagrado de um culto. Colocam flores que manifestam odores saborosos e agradáveis dentro do espaço de culto. Colocam mesas e ornamentos, luzes que trazem sensações e despertam sentimentos nas pessoas que entram no determinado espaço. Cada ornamento, dialogando com a literatura sagrada, manifestando elementos que despertam nas pessoas que professam a mesma fé, ou não, sentimentos que tocam o consciente e o inconsciente.

Todas essas habilidades das criaturas são habilidades depositadas nos seres humanos pelo seu criador.

Na literatura, tanto bíblica quanto extra bíblica, produzidas por teólogos e estudantes das mais variadas ciências, trazem o ensinamento redimensionado das mensagens da Lei, dos Profetas e do Cristo e, nos tempos atuais, nos permitem dialogar com o mundo em que

vivemos e nos provocam a manter viva a mensagem, leis e valores já propostos na literatura sagrada.

Durante a liturgia do culto, temos as indumentárias. Em cada grupo religioso cristão ou não cristão, vemos os diversos ornamentos que, no espaço comum e profano, não são usados e, quando o são, despertam dentro do espaço comum, a sensação de um ambiente sagrado. Dessa forma, quando olhamos um padre com o ornamento de padre, num espaço profano, o vemos como uma figura sacerdotal ou até, um pastor protestante no ornamento comum (terno e gravata) e com a bíblia na mão, percebemos e notamos esses símbolos marcando-a como uma figura religiosa de um determinado grupo religioso.

Na liturgia, as músicas tocadas sendo elas sacras ou gospel, são músicas que trazem em sua letra, elementos da literatura sagrada proposta a partir do povo de Israel ou dos primeiros cristãos. Elas apresentam a revelação de Deus mediante a salvação daquele determinado grupo, assim, notamos que essas obras, contém de forma explícita, mensagem do Deus que aquele determinado grupo acredita, relaciona e professa.

Esses elementos comuns são organizados produzindo um signo e símbolo que realiza uma marca na história e na cultura de um povo, além disso, na liturgia, esses objetos manifestam e provocam diversas sensações no grupo que ali está inserido e, conseqüentemente, faz com que esteja mantida a unidade do grupo e também, a fé e relacionamento com a divindade.

Por fim, na liturgia, quando olhamos a cena do líder religioso colocar o pão na palma da mão ou na boca de um fiel, encontramos manifesto o ato de Moisés organizar o grupo na Páscoa ou permitindo que o maná, as codornizes e a água alimentassem o povo de Israel; vemos também, na família patriarcal, o Pai da Casa que distribuía o excedente da produção segundo a necessidade de cada um que morava na Casa da família ampliada⁶; vemos também Jesus ao alimentar o povo com a multiplicação de pães e na última ceia, Jesus partilhando o alimento e entregando junto com o vinho para todos os discípulos que ali estavam orientados a sentarem de cinquenta em cinquenta (Bíblia de Jerusalém, Marcos cap. 6v30-44). Vemos nesse ato, nos dois interpretes, um a entregar o pão e o outro a receber o pão, a memória viva da revelação de Deus.

Os objetos (pão, vinho, indumentária e ato) são criados por seres humanos, mas o que eles despertam nos seres humanos que vive e observa, provoca a memória.

6 Família Ampliada é um conceito apresentado na era dos patriarcas e juizes onde havia uma família composta por muitas pessoas com esposos e esposas, mas se organizavam economicamente para poderem produzir e distribuir a produção. Essas famílias totalizavam aproximadamente cinquenta pessoas e, quando alguém ficasse pobre, viúva ou estrangeiro, era absorvido pela família e seria chamado e reconhecido como irmão. Dessa forma, nesse modelo de economia, não haviam pobres, viúvas e estrangeiros por que todos eram irmãos e viviam em igualdade. A proposta dos profetas de retorno à Aliança eram para que os Reis e Sacerdotes olhassem para esse modelo econômico e aplicassem a igualdade e justiça proposta pela Lei, ou seja, um retorno à proposta da Família Ampliada contida na realidade dos Patriarcas e Juizes. (CAZELLES, 2008, p. 73-74; LIVERANI, 2008, p. 89-100)

4.1 O SINAL OBJETIVO

A obra pode ser criada por seres humanos, mas são nesses objetos que Deus escolheu para se revelar. Deus poderia, com seu poder e capacidade, se revelar em outros meios, mas escolheu a sua própria criatura para ser o local em que manifestaria a sua revelação.

E como tal ele está simplesmente beneficiando-se de uma permissão e convite. Ele está indo por uma porta, mas uma que ele não abriu, para uma sala de banquete. E lá ele prontamente toma seu lugar sob a mesa, na companhia de publicanos, na companhia de bestas e plantas e pedras, aceitando solidariedade com eles, estando presente simplesmente como eles estavam, como uma criatura de Deus. É o fato que ele vê, e aquilo que ele é capaz de ver como o centro e a circunferência, o Criador e a criatura, o que constitui a permissão e convite e abre a porta para a sua realidade peculiar... (BARTH, 2017, p. 251-252)

A liturgia é o local onde o Encontro de Deus com os seres humanos acontece. Aconteceu em plenitude a partir do fenômeno Cristo e se mantém como memória e realidade até os dias de hoje.

Deus vale-se da arte por que é o meio onde o transcendente pode se revelar. As organizações objetivas podem ser muito simples e passíveis de entendimento aos seres humanos, mas não são suficientes para a revelação do Deus transcendente. Deus está para além da sua criação, mas na criatura, criada por Ele, foi onde este Ser escolheu se revelar.

Em Paul Tillich, encontramos uma proposta sobre as artes sendo meios de revelação: Os símbolos revelam níveis da realidade que a linguagem não-simbólica desconhece. Vamos interpretar ou explicar esta afirmação em termos de símbolos artísticos. Quando buscamos o sentido dos símbolos, logo percebemos que uma das funções da arte consiste em abrir níveis da realidade; a poesia, as artes visuais e a música revelam níveis da realidade que não poderiam ser percebidos de outra forma. Se, na verdade, essa é a função da arte, certamente as criações artísticas têm caráter simbólico. (TILICH, 2009, p. 100-101)

Esses sinais objetivos estão inseridos na cultura de um povo e dialogam com os seres humanos já iniciados naquela determinada cultura e, também, naquela religião.

Deus, na revelação proposta em toda a literatura sagrada, apresentou as diversas culturas em que os seres humanos estavam inseridos (Mesopotâmia, Egito, Israel, Babilônia, Persa, Grécia, Roma, etc) e, a partir delas, com os elementos separados, ou seja, santificados, mas ainda inseridos naquelas determinadas culturas, foram usados para Deus se revelar. Na atualidade, isso também acontece. Valemo-nos dos elementos da cultura de um povo para, a partir deles, inspirados pelo Espírito, poder comunicar Deus e, esta divindade, através de nós,

também inseridos numa determinada cultura, usa-nos para se comunicar e se comunica a sua mensagem a nós.

E em correspondência com seu conteúdo está sua própria forma objetiva – Igreja visível, pregação audível e sacramento operoso. Esses constituem uma área de objetividade entre e junto a muitas outras áreas de objetividade; mas isto é fundamentado no testemunho dos apóstolos e profetas que devem ser mostrados e provados objetivamente (BARTH, 2017, p.80).

A liturgia é esse ambiente em potência para a comunicação de Deus. É o local onde a comunicação acontece em sua totalidade.

4.2 PARA UMA COMUNICAÇÃO EFETIVA

No culto ou na missa, há aqueles já iniciados que valer-se-ão dos elementos artísticos para comunicar o mistério da salvação e tornar viva a revelação de Deus. O culto, como já proposto, vale-se dos elementos artísticos de uma determinada cultura para apresentar a história da salvação da humanidade que, em amor, Deus criou e, depois da queda, se propôs a libertar e salvar. Este exercício foi apresentado a partir do povo de Israel e da sua cultura, mas, com o fenômeno Cristo, através de Paulo, dos Pais da Igreja e de toda a História da Teologia, vemos esse plano sendo apresentado e concretizado, gradativamente, na vida de cada pessoa e da humanidade.

Na liturgia encontramos a memória desse processo de salvação e anima a fé das pessoas desse tempo a confiar na ação salvadora de Deus na atualidade.

Para que isso aconteça de forma eficaz, cada sacerdote em cada procedimento deverá entender da cultura de quem recebe aqueles elementos. Um mesmo símbolo pode provocar sensações diferentes em diferentes grupos que recebem a mensagem nos mesmos objetos e também, o exagero de elementos, podem atrapalhar a comunicação.

Tillich e Barth propõem que a mensagem e sua comunicação necessita de um processo de imersão.

Em Barth, a proposta é que Deus faz a imersão na humanidade:

Ele existe, não somente inconcebível como Deus, mas também concebível como um homem; não somente sobre o mundo, mas também no mundo e do mundo; não somente numa forma celestial e invisível, mas também numa forma terrena e visível. Ele se fez e é, Ele existe - nós não podemos evitar esta declaração; fazê-lo seria a pior espécie de Docetismo – com objetivo de fato. (...) E em Jesus Cristo Deus se fez e é homem, o sócio-humano de todos os humanos (BARTH, 2017, p. 81-82).

E na figura do Cristo, Deus se comunica com toda a humanidade:

Entre Deus e o homem se coloca a pessoa de Jesus Cristo, Ele mesmo, Deus revela a Si mesmo ao homem. Nele Deus revela a Si mesmo ao homem. Nele o homem vê e conhece Deus. Nele Deus permanece diante do homem e o homem permanece diante de Deus, como a eterna vontade de Deus e a eterna ordenação do homem de acordo com esta vontade. Nele o plano de Deus para o homem é descoberto, o juízo de Deus sobre o homem é cumprido, a redenção de Deus ao homem é consumada, o dom de Deus para o homem presente em abundância, a reivindicação e promessa de Deus ao homem declarada. Nele Deus tem unido a Si mesmo ao homem. E assim, o homem existe por Sua Causa. (BARTH, 2017, p. 178)

Em Tillich, a proposta é que primeiramente haja uma participação concreta na vida daqueles que receberão a comunicação, ou seja, *“na sua existência, onde surgem as perguntas que poderíamos responder”* (TILLICH, 2009, p. 264).

E também:

Comunicação envolve participação. Quando não há participação, não há comunicação. Estamos diante de uma condição limítrofe porque nossa participação é inevitavelmente precária. Depois de trinta anos trabalhando na China, um missionário disse: “Agora, depois desse tempo todo comecei a aprender os elementos da cultura e do pensamento chinês” Apesar disso, havia sido um dos maiores especialistas naquela cultura. A participação é o problema realmente sério. A situação era mais fácil para Igreja primitiva porque todos permaneciam ao mundo helênico unido sob o Império Romano, onde judeus e gregos viviam juntos muito antes do surgimento do cristianismo. Paulo é o exemplo mais notável do que estou dizendo. Mas a situação hoje é diferente (TILLICH, 2009, p. 262-63).

Assim, para uma comunicação efetiva, há que se entrar na cultura e, a partir dos elementos da cultura em que o ouvinte, assim como os costumes em que aquele que receberá a mensagem está inserido, possam ser elementos na liturgia e no culto para que esses elementos possam ser mecanismos de comunicação da fé e da mensagem salvadora dentro do procedimento de cultura onde ambos estarão inseridos, tanto o comunicador quanto o receptor da comunicação.

Fazendo dessa forma, a memória se manterá viva sendo refletida todos os dias nas muitas liturgias dentro das diversas culturas e, valendo-se dos elementos artísticos, essa mensagem estará viva entre mensageiros e receptores da mensagem salvadora de Deus, inicialmente revelada ao povo judeu, mas a partir do Cristo, revelada a toda a humanidade.

CONCLUSÃO

Todo procedimento de comunicação deve ser um processo de diálogo com o interlocutor. Isso também é necessário dentro da liturgia. Além disso, ela vale-se de diversos elementos artísticos que fazem parte de uma cultura, faz parte de um povo que está inserido na História.

É fundamental olhar cada elemento da liturgia de um culto como uma síntese de diversos elementos artísticos. Através da inspiração do Espírito Santo, na vida dos indivíduos que irão criar todos os elementos litúrgicos do culto religioso, é fundamental ao teólogo, mas também a todos os que estão inseridos, e fazem parte de um determinado grupo religioso.

Neste trabalho pudemos dar um panorama teológico bíblico e sistemático de como a liturgia pode auxiliar na comunicação entre Deus e os homens e, para isso, vale-se das artes, permitindo que, esse procedimento de culto ecoe como memória viva que pulsa na vida de um determinado povo.

REFERÊNCIAS

- BARTH, Karl. Dogmática Eclesiástica. São Paulo: Fonte Editorial, 2017.
- BARTH, Karl. Palavra de Deus e Palavra de Homem. São Paulo: Fonte Editorial, 2011.
- BÍBLIA de Jerusalém. São Paulo: Paulus, 2017.
- CAZELLES, Henri. História política de Israel – Desde as origens até Alexandre Magno. São Paulo: Paulus, 2008.
- COSTA, Valeriano Santos da Costa. O Amor de Deus – Teologia da Redenção. São Paulo: Paulus, 2019.
- LIVERANI, Mario. Para além da bíblia – História antiga de Israel. São Paulo: Paulus & Edições Loyola, 2008.
- MACKINTOSH, H. R. Teologia Moderna – de Shleiermacher a Bultmann. Itapetininga/SP: Fonte Editorial, 2002.
- METZ, Johann Baptist. Mística de olhos abertos. São Paulo: Paulus, 2013.
- TILLICH, Paul. Teologia da Cultura. São Paulo: Fonte Editorial, 2009.
- TILLICH, Paul. Textos Seleccionados. São Paulo: Fonte Editorial, 2020.